



Duarte, R.

<https://orcid.org/0000-0003-4257-0338>

ID lattes: **9917356932095909**

Bíscaro, V. R.

<https://orcid.org/0000-0001-8996-5631>

ID lattes: **2083810939495542**

Praia Junior, J.A.R.

<https://orcid.org/0000-0003-4989-6381>

ID lattes: **6240409956620610**

Santos, G.E.O.

<https://orcid.org/0000-0001-8731-101X>

ID lattes: **1514075651545397**

Consumo turístico de famílias brasileiras com crianças e idosos

Resumo. Este artigo analisa o consumo turístico de dois grupos familiares: aqueles que incluem crianças (menores de 18 anos) e aqueles com idosos (a partir de 60 anos). O consumo turístico foi analisado por meio da despesa turística média *per capita* em relação à idade dos indivíduos e a outras características da família, como gênero, etnicidade, estrato regional e cobertura médica. A análise foi realizada com base nos microdados da Pesquisa de Orçamentos Familiares (POF) 2017-2018. A despesa turística das famílias com crianças aumenta conforme a idade do indivíduo mais jovem aumenta. Para as famílias com idosos, a despesa turística diminui com o envelhecimento. Enquanto o gênero do chefe da família tem efeito significativo sobre a despesa turística das famílias com a presença de crianças, o efeito não é significativo quando os idosos estão presentes. Outras variáveis têm efeito relevante sobre a despesa turística, embora com padrões complexos.

Palavras-chave: consumo turístico; despesa turística; demanda turística; crianças; idosos.

Tourism consumption of Brazilian households with young and elderly people

Abstract. This article analyzes the tourism consumption of two groups of households, those including children (under 18 years) and those including seniors (above 60 years). Tourism consumption was analyzed using the average per capita tourism expenditure with respect to the age of individuals and other family characteristics, such as gender, ethnicity, zone, and health insurance. The analysis was conducted using data from the 2017-2018 Brazilian Household Budget Survey. Tourism expenditure for households with children increases as the age of the younger individual increases. For households with seniors, tourism expenditure decreases with aging. While the gender of the household head has a significant influence on tourism expenditure when children are present, the effect is not significant when seniors are present. Other variables also have relevant effects on tourism expenditure, although with complex patterns that are further discussed in the article.

Keywords: tourism consumption; tourism expenditure; tourism demand; young; elderly.

Consumo turístico de las familias brasileñas con jóvenes y ancianos

Resumen. Este artículo analiza el consumo turístico de dos grupos familiares: los que incluyen niños (menores de 18 años) y aquellos con ancianos (a partir de 60 años). El consumo turístico se analizó a partir del gasto turístico medio per cápita en relación con la edad de los individuos y otras características del hogar, como género, etnia, estrato regional y cobertura médica. El análisis consideró microdatos de la Encuesta de Presupuestos Familiares (POF) 2017-2018. El gasto turístico de las familias con niños aumenta a medida que aumenta la edad del individuo más joven. Para las familias con ancianos, el gasto turístico disminuye con la edad. Mientras que el género del jefe familiar tiene un efecto significativo en el gasto turístico de las familias con presencia de niños, el efecto no es significativo cuando hay personas ancianas. Otras variables tienen un efecto relevante sobre el gasto turístico, aunque con formas complejas.

Palabras clave: consumo turístico; gasto turístico; demanda turística; jóvenes; ancianos.

Como citar: (APA) Duarte R.; Bíscolo V.R.; Praia Junior J.A.R.; Santos G.E.O. (2022). Consumo turístico de famílias brasileiras com crianças e idosos. *Cenário: Revista Interdisciplinar em Turismo e Território*, Brasília, Brasília, 11(2). Fevereiro de 2024. p.43-60

Introdução

Viajar é uma atividade relevante e frequente na vida moderna. As viagens movimentam mais de 15 bilhões de pessoas por ano em todo o mundo (United Nations World Travel Organization, 2020). A atividade contribui para a qualidade de vida e o bem-estar, reduzindo a ansiedade, facilitando a introspecção, propiciando sentimentos de liberdade e promovendo um estilo de vida autêntico (Kay Smith & Diekmann, 2017). A literatura científica tem demonstrado repetidamente que as atividades e experiências turísticas têm efeitos positivos sobre a qualidade de vida e bem-estar das pessoas (Uysal et al., 2016). Portanto, o acesso ao consumo turístico pode ser encarado como um direito almejado para toda a sociedade.

No entanto, o consumo de turismo é desigualmente distribuído entre diferentes grupos sociais (Rabahy, 2020; Rabahy et al., 2009). Uma série de aspectos demográficos e socioeconômicos determina diferentes graus de acesso às viagens. Algumas categorias determinantes do nível de consumo turístico são renda (Alegre & Pou, 2016; Nicolau & Más, 2005), situação geográfica (Hong et al., 2005; Melenberg & Van Soest, 1996), etnia (Alegre et al., 2013; Hong et al., 2005; Zheng & Zhang, 2013), escolaridade (Alegre et al., 2013; Alegre & Pou, 2016; Hagemann, 1981; Hong et al., 2005; W.-T. Hung et al., 2012; Zheng & Zhang, 2013) e ocupação profissional (Alegre et al., 2013; Hong et al., 2005), entre outras.

Em especial, diversos estudos apontam que a idade tem um efeito relevante sobre o consumo turístico (Alegre et al., 2013; Alegre & Pou, 2016; Crouch et al., 2005; Hagemann, 1981; Hong et al., 1999, 2005; Hung et al., 2012; Zheng & Zhang, 2013). Contudo, a análise do efeito da idade sobre o consumo é complexa. Tomando-se as famílias como unidade de decisão e consumo, deve-se reconhecer que cada unidade é potencialmente composta por pessoas com diferentes idades. Os estudos anteriores sobre o tema adotaram a estratégia de resumir a idade dos membros da família pela idade do chefe. Embora essa estratégia possa ser útil em muitos casos, ela é não mais do que uma simplificação, potencialmente deixando de lado aspectos importantes acerca da composição de idades dos membros da família. Aspectos como a presença de crianças e idosos na família, bem como a idade específica destes, podem influenciar de forma significativa o consumo turístico.

Neste contexto, o objetivo deste artigo é analisar o efeito da idade sobre o consumo turístico, com especial foco nos indivíduos em ambos os extremos da escala de idade. Para tanto, analisou-se a dimensão do consumo turístico de dois tipos de famílias: aquelas que incluem crianças e adolescentes (pessoas de até 17 anos) e aquelas que incluem idosos (pessoas a partir de 60 anos). Além da idade, foram consideradas também outras variáveis determinantes do consumo turístico, como gênero, etnicidade, situação geográfica e o efeito do acesso à planos de saúde. A análise foi conduzida a partir dos microdados da Pesquisa de Orçamentos Familiares (POF) 2017-2018 realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2021).

Revisão de Literatura

O consumo turístico pode ser definido de diferentes formas e mensurado por diversas variáveis (Song et al., 2010). Em sua versão mais simples, o consumo turístico pode ser descrito de forma dicotômica, diferenciando sujeitos que viajam daqueles que não viajam (Alegre et al., 2009). Também é possível descrever o consumo turístico por meio do número de viagens realizadas pelo indivíduo ou família em determinado período (Losada et al., 2016). Contudo, essas duas alternativas não captam a dimensão do consumo realizado em cada viagem. Esse aspecto é usualmente mensurado por variáveis como o tempo de permanência (Santos, 2015) e o gasto turístico no destino (Brida & Scuderi, 2013).

Combinando a realização e a dimensão das viagens, pode-se mensurar o consumo turístico de forma abrangente por meio da despesa turística, isto é, o total de dispêndio do indivíduo ou família com viagens turísticas em dado período (Park et al., 2020). Neste sentido, Crouch et al. (2005) apresentam em seu trabalho resultados sobre como os consumidores distribuem recursos discricionários por meio do consumo com o turismo e com outras categorias concorrentes. Dentro de todos os gastos não-obrigatórios de consumidores australianos, cerca de 20% destes estão relacionados ao turismo, seja doméstico ou internacional. Os autores mostram, ainda, que a idade é uma das variáveis associadas a utilidade da escolha com a opção de consumo da família.

Diversos estudos apontam que o consumo turístico está associado à idade dos indivíduos e, mais especificamente, dos membros das famílias. Geralmente, a variável é mensurada pela idade do respondente ou do chefe da família/grupo em viagem (Brida & Scuderi, 2013; Lin et al., 2015). Uma boa parte dos trabalhos nessa área representa a idade da família por meio da idade do chefe (Alegre et al., 2013; Alegre & Pou, 2016; Bernini & Cracolici, 2015; Brida & Scuderi, 2013; Hagemann, 1981; Hong et al., 2005; W.-T. Hung et al., 2012; Melenberg & Van Soest, 1996; Zheng & Zhang, 2013). Um conjunto de estudos sugere que quanto maior a idade do chefe da família, maior é a despesa turística média (Alegre et al., 2013; Alegre & Pou, 2016; Bernini & Fang, 2021; Hong et al., 2005; W.-T. Hung et al., 2012; W. T. Hung et al., 2013; Melenberg & Van Soest, 1996; Zheng & Zhang, 2013). Hagemann (1981) traz resultados dissonantes, mostrando que famílias com chefes mais velhos tendem a realizar dispêndios menores com o consumo de viagens. Por outro lado, Agarwal & Yochum (1999) reportam efeito não significativo da idade do chefe sobre a despesa turística.

Algumas pesquisas consideraram a possibilidade de efeitos não lineares da idade do chefe sobre a despesa turística. Alegre e Pou (2016) indicaram que a despesa turística esperada cresce com a idade do chefe da família até cerca de 65 anos, passando a decrescer a partir desse ponto. Resultado similar foi encontrado por Hong et al. (1999), que estimaram uma função em forma de U invertido com vértice em 64 anos. Os resultados encontrados por Thrane (2016) reportam que a relação entre a despesa turística e idade é positiva para famílias cujos chefes possuem entre 18 e 36 anos, e negativa a partir dos 37 anos. Já Hong et al. (2005) encontraram que a idade que implica máxima despesa turística é 54 anos. Por fim, Alegre et al. (2013) estimaram que o vértice da função de consumo pela idade do chefe ocorre ainda mais cedo: 45 anos.

Descrever a idade da família por meio da idade do chefe é uma simplificação de uma realidade mais complexa. Cada membro da família pode ter uma idade diferente. Logo, a idade da família pode ser representada por diversas medidas, cada uma delas apresentando certo tipo de efeito sobre o consumo turístico. Em particular, diversos trabalhos têm mostrado que idades pequenas, bem como idades avançadas, exercem efeitos significativos sobre o consumo turístico das famílias (Alegre et al., 2013; Coenen & van Eekeren, 2003; Hagemann, 1981; Hong et al., 1999, 2005; Sun et al., 2015).

A presença de crianças na família é geralmente associada a menores níveis de consumo turístico (Coenen & van Eekeren, 2003; Hagemann, 1981). Outra característica desse tipo de configuração familiar é a preferência por destinos turísticos domésticos em detrimento dos internacionais (Eugenio-Martin & Campos-Soria, 2011). A idade específica das crianças também tem efeito sobre as viagens. Hagemann (1981) mostra que famílias com crianças menores de 6 anos tendem a ter despesas turísticas inferiores àquelas com crianças entre 6 e 17 anos. Sun et al. (Sun et al., 2015) demonstram que casais com crianças com idades entre 7 e 12 anos apresentam maior intenção de viagem e maior nível de despesa turística. O efeito das crianças também varia em função da idade dos adultos. Hong et al. (2005) indicam que o efeito da presença de crianças se dá apenas nas famílias com casais de menos de 40 anos, não se repetindo para casais com 40 anos ou mais. Em oposição aos estudos anteriores, Alegre et al. (2013) indicam que famílias com crianças menores de 15 anos tendem a ter uma despesa turística maior do que as famílias sem crianças.

No outro extremo da escala de idades, a presença de problemas de saúde em idosos com mais de 65 anos reduz a intenção e a despesa turística (Sun et al., 2015). Contudo, uma vez que a decisão de viagem é feita, pessoas acima de 60 anos demonstram maior propensão ao consumo turístico (Bernini et al., 2017; Bernini & Cracolici, 2015). Hunga et al. (W. T. Hung et al., 2013) argumentam que pessoas mais velhas têm mais tempo livre e recurso para viajar, o que poderia explicar os resultados encontrados por alguns estudos (Bernini et al., 2017; Bernini & Cracolici, 2015; W. T. Hung et al., 2013). Outra explicação possível vem pela cultura: os chineses possuem o hábito de poupar dinheiro desde jovem, o que lhes garante uma poupança satisfatória disponível para viajar quando estão em estágios mais avançados da vida (Bernini & Fang, 2021).

Metodologia

Este artigo possui abordagem quantitativa exploratória, cujo objetivo é identificar o efeito da idade sobre o consumo turístico brasileiro. Essa análise foi conduzida a partir dos microdados do orçamento familiar dos domicílios do país. A base de dados é proveniente da Pesquisa de Orçamento Familiares 2017-2018 (POF) do IBGE. A POF tem como objetivo mensurar as estruturas de consumo das famílias brasileiras, além de identificar um perfil das condições de vida da população de acordo com seus orçamentos domésticos (IBGE, 2021).

Realizada desde 1974, a última POF publicada considerou os dados coletados entre julho de 2017 e julho de 2018 distribuídos em todo o território do país e sendo assim os dados disponíveis referem-se ao período de um ano completo. Os dados foram obtidos na pesquisa por meio de amostragem de domicílios particulares permanentes, situados nas zonas rural e urbana. É importante destacar que as famílias correspondem na POF às unidades de consumo (UC), isto é, o conjunto de moradores que compartilham a mesma fonte de alimentação ou dividem as despesas com moradia, conforme aponta IBGE (2021, p. 10).

Em cada UC identifica-se um chefe, chamado pela POF como “pessoa de referência”. De acordo com IBGE (2021, p. 19), este indivíduo é responsável por uma das seguintes despesas: aluguel, prestação do imóvel ou outras despesas de habitação. Se em determinada UC não houver alguém neste contexto, a pessoa de referência é aquela definida pelos próprios moradores da unidade de consumo. Em casos em que mais de uma pessoa foi identificada pelos moradores, estabeleceu-se pela POF que a idade mais alta seria o critério de escolha para determinação do chefe da família.

A construção da base de dados inicial foi realizada a partir de dois dos sete bancos de microdados disponíveis da POF. Da base dos moradores, foram extraídas as variáveis sociodemográficas dos indivíduos. Foram consideradas as seguintes características do chefe da família e dos demais membros da UC: gênero, renda, estrato regional, a idade mínima, máxima e média dos indivíduos da família, nível de instrução máxima da pessoa de referência, percentual de pessoas brancas, pretas e pardas, quantidade de indivíduos por UC e acesso a plano de saúde. Este conjunto de informações gerou uma base de dados inicial com 58.039 domicílios brasileiros. Da base das despesas individuais, foram adicionadas as informações específicas da despesa familiar com turismo, com referência ao período de um ano conforme citado previamente. Aqui foram consideradas apenas as despesas com viagens de lazer, recreio e férias, visita a parentes e amigos, educação, tratamentos médicos, religião e peregrinações e outros motivos. Não foram incluídas informações de despesa com negócios e motivos profissionais. A principal variável analisada foi à despesa média anual per capita com turismo e lazer.

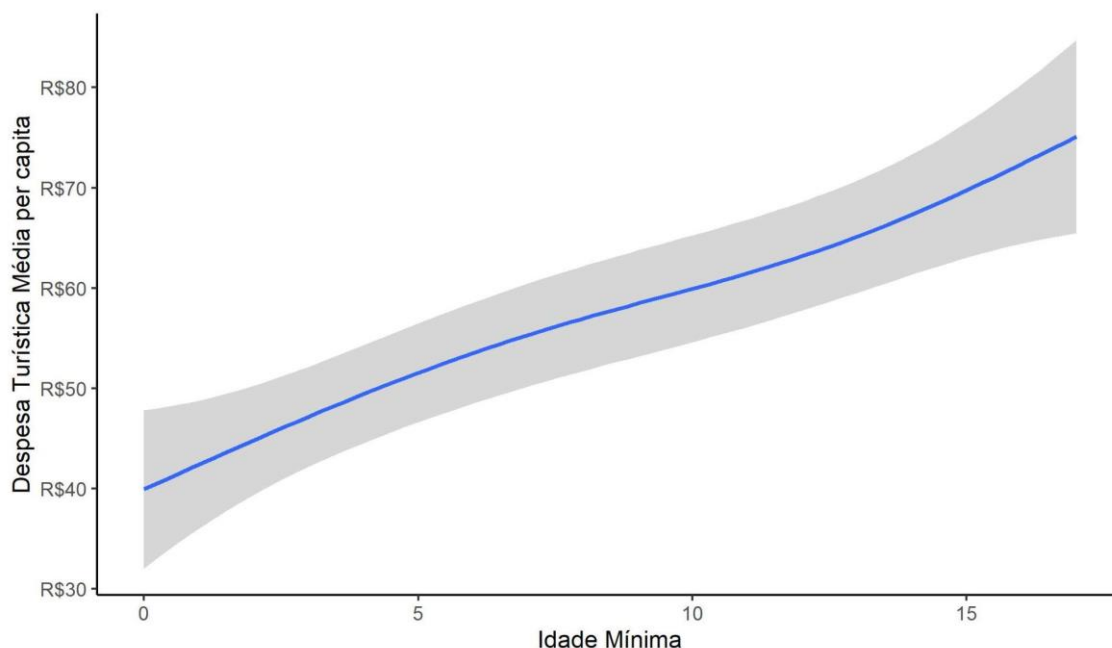
Para atingir o objetivo estabelecido no estudo, a partir da base total de UCs disponíveis foram selecionadas as UCs com as seguintes características: a) o grupo 1 (jovens), formado por unidades de consumo que possuem pelo menos 1 pessoa com menos de 18 anos de idade e, b) grupo 2 (idosos) é formado por unidades de consumo que possuem pelo menos 1 pessoa com 60 anos ou mais. Do conjunto total, o grupo 1 representa 47% do conjunto de dados (composto por 27.750 domicílios) e o grupo 2 representa 33% (composto por 19.487 domicílios). É importante ressaltar que essas duas partições não são mutuamente excludentes, ou seja, existem unidades de consumo pertencentes aos dois grupos.

Desta forma, o recorte adotado no presente estudo apresenta o comportamento de gasto com turismo de UCs com indivíduos em dois momentos extremos do ciclo da vida: na juventude e na terceira idade. Para o primeiro grupo, foi adotada como medida de comparação evolutiva a idade mínima entre os indivíduos da UC, enquanto que para o outro grupo foi analisada a idade máxima entre todas as pessoas que constituem a UC. Na próxima seção, serão apresentadas as análises exploratórias deste conjunto de dados. Por meio de gráficos com suavização pelo método GAM (Generalized Additive Model) é possível perceber as principais relações observadas, bem como propor reflexões sobre estes resultados, a partir das características de cada grupo e das principais diferenças entre eles.

Resultados e Discussão

Ao analisar a despesa per capita média com turismo em relação às famílias com crianças e adolescentes até 17 anos e a idade mínima por família, foi possível identificar uma associação positiva entre essas duas variáveis. Esta relação sugere que as famílias com adolescentes de 17 anos consomem mais com turismo e lazer do que aquelas com crianças ou recém-nascidos, sendo que o consumo cresce de forma monotônica conforme aumenta a idade mínima. Especificamente, famílias com crianças e adolescentes de até 17 anos gastam, aproximadamente, R\$ 80 em média, por pessoa. Os gastos são 50% menores para famílias com crianças recém-nascidas (R\$ 40). Esses resultados estão em consonância com os apresentados por Hagemann (Hagemann, 1981). O Gráfico 1 demonstra essa relação.

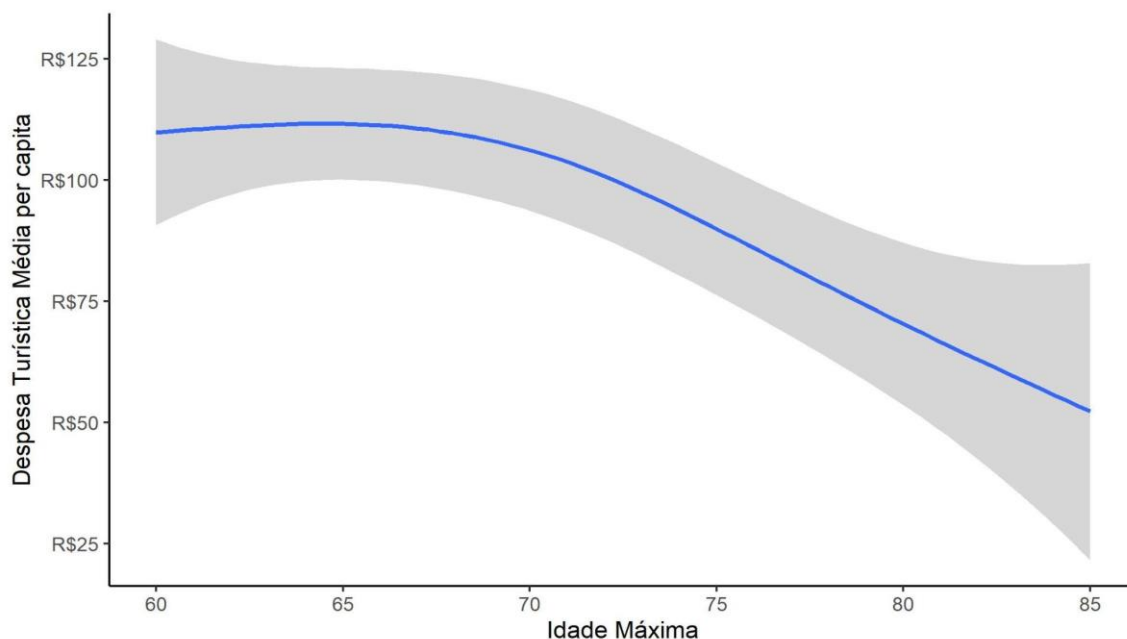
Gráfico 1- Relação entre a despesa turística e a idade mínima



Fonte: elaborado pelos autores (2021)

Por outro lado, ao comparar a despesa *per capita* média em relação às famílias com pelo menos uma pessoa com 60 anos ou mais e a idade máxima por família, o resultado é distinto. No caso das famílias com idosos a partir de 60 anos, a despesa média *per capita* manteve-se acima dos R\$ 100 para as famílias cujo membro com idade mais alta não fosse superior a 70 anos. A partir desta idade, a despesa com turismo apresenta uma tendência de queda mais acentuada. Em outras palavras, a relação sugere que os idosos reduzem o consumo turístico quando superam os 70 anos (Gráfico 2). Hong et al. (1999) corroboram este ponto ao indicar que os idosos de até 75 anos demonstram consumo turístico superior àqueles com idade acima deste patamar.

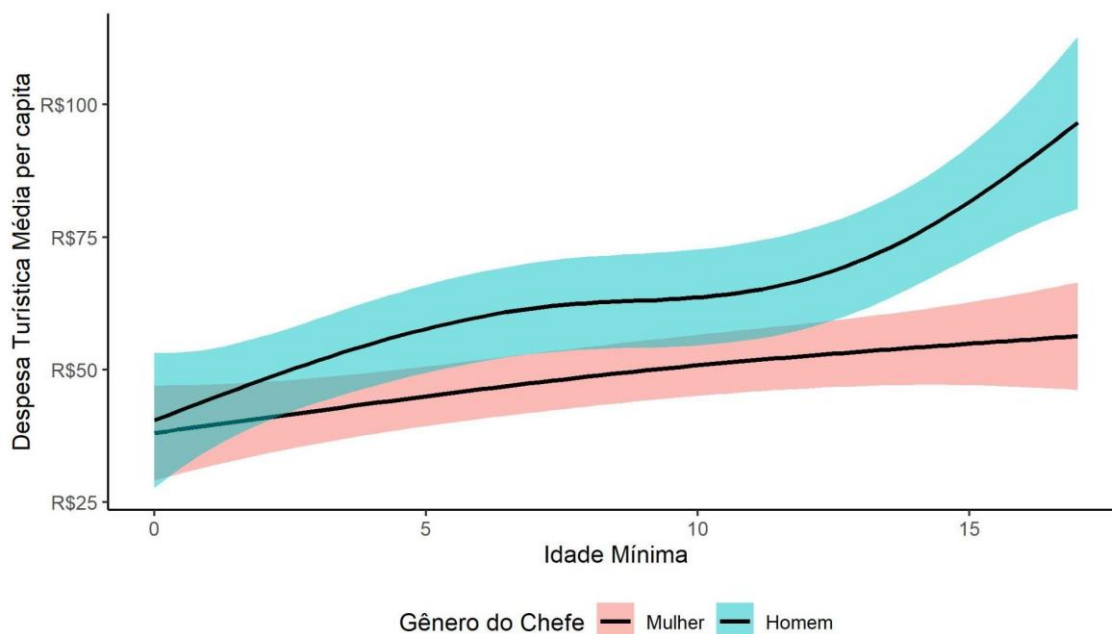
Gráfico 2 - Relação entre a despesa turística e a idade máxima



Fonte: elaborado pelos autores (2021)

Na sequência, estas mesmas análises serão apresentadas acrescentando uma terceira variável, com o objetivo de identificar eventuais variações de efeito que a idade provoca na despesa turística para as famílias dos dois grupos. Neste sentido, foram identificadas interações relevantes entre o gênero do chefe da família tanto para aquelas compostas por crianças e adolescentes quanto para as compostas por idosos. No primeiro caso, é possível identificar uma despesa turística média per capita superior para as residências em que o chefe é homem. As famílias chefiadas por mulheres apresentam uma despesa média per capita quase linear à medida que as crianças crescem. Além disso, a partir dos 13 anos, aproximadamente, a curva da despesa turística média das famílias chefiadas por homens apresenta tendência de aumento mais íngreme quando comparada com aquelas chefiadas por mulheres. Uma possível explicação para o efeito pode estar relacionada com a sobrecarga das mulheres no que diz respeito ao cuidado com os filhos. Além disso, historicamente, mulheres não costumam estar no mesmo patamar salarial que os homens (Minasi et al., 2022).

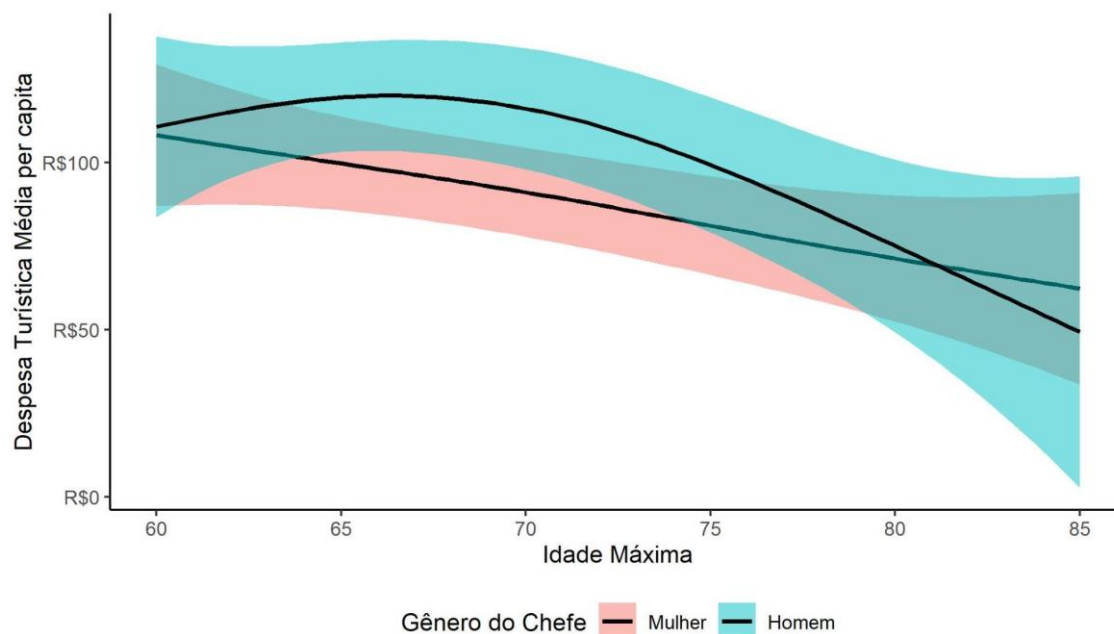
Gráfico 3 - Relação entre a despesa turística, idade mínima e o gênero do chefe da família



Fonte: elaborado pelos autores (2021)

No caso das famílias com idosos, aquelas chefiadas por homens apresentam uma despesa turística média per capita superior do que as famílias chefiadas por mulheres em grande parte do intervalo considerado, ainda que em termos absolutos a diferença seja pouco significativa. Tanto famílias chefiadas por homens quanto por mulheres apresentam despesa turística acima de R\$ 100 quando a idade máxima de algum membro da família é de 60 anos. No entanto, no caso das famílias chefiadas por homens apresentaram um comportamento diferente entre os 60 e 68 anos de idade. Para famílias cujo indivíduo mais idoso esteja neste intervalo etário, a despesa turística média per capita apresentou ligeiro crescimento. A partir dos 69 anos, o consumo turístico nas famílias chefiadas por homens decresce mais expressivamente do que nas famílias chefiadas por mulheres, que durante todo o intervalo considerado apresentou um comportamento linear de decrescimento da despesa turística. As duas curvas se cruzam em torno dos 82 anos de idade e a partir desta idade, as famílias chefiadas por mulheres apresentam despesas com turismo maiores do que aquelas chefiadas por homens. Lin et al. (2015) em seu estudo sobre o consumo com o turismo de famílias chinesas também identificaram uma tendência dos turistas do sexo masculino a gastar mais na velhice do que as mulheres, porém no caso chinês, diferentemente do que observado no Brasil, o consumo dos homens esteve em patamar superior inclusive para as idades mais elevadas.

Gráfico 4 - Relação entre a despesa turística, idade máxima e o gênero do chefe da família



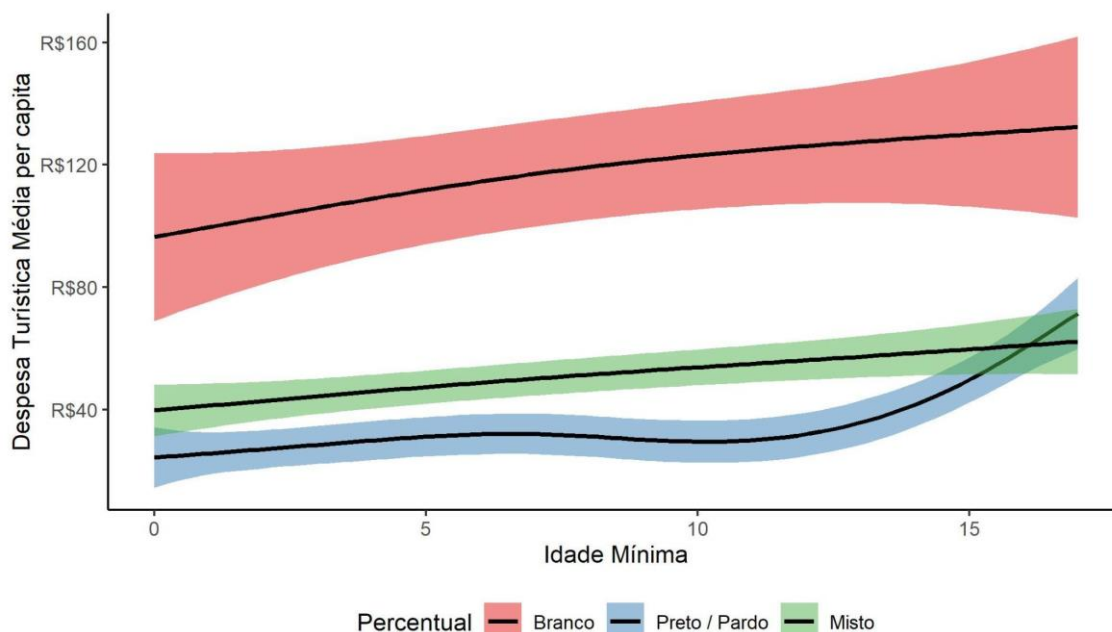
Fonte: elaborado pelos autores (2021)

No que diz respeito aos efeitos do gênero, Eugenio-Martin & Campos-Soria (Eugenio-Martin & Campos-Soria, 2011) relatam que esta variável tem efeito sobre a decisão de viajar para destinos domésticos e internacionais. Porém, a vasta maioria dos estudos reportam efeitos não-significativos (Brida & Scuderi, 2013) entre as variáveis. Uma explicação está no fato de que a decisão não é tomada apenas por uma pessoa, mas sim por um grupo e, portanto, as decisões do chefe refletem aquelas de toda a família (Bernini & Cracolici, 2015). Neste sentido, os resultados encontrados acima podem ser modelados, de modo a identificar efeitos significantes que garantam diferenças entre a despesa turística de famílias chefiadas por homens ou mulheres e a idade no contexto brasileiro.

Para analisar a composição étnica das famílias, uma variável categórica foi construída a partir do percentual da composição étnica dos integrantes. Como resultado foram criadas três categorias que identificam as famílias compostas exclusivamente por pessoas: a) brancas, b) pardas e pretas, e c) com composição étnica mista. Nesta última categoria foram incluídas todas as famílias que não se encaixavam nas categorias anteriores. Dessa forma, é perceptível uma diferença de patamar das famílias compostas exclusivamente por pessoas brancas com relação às demais categorias, tanto para as famílias com jovens como as famílias com idosos.

No caso das famílias com crianças e adolescentes compostas exclusivamente por pessoas brancas gastam 5 vezes mais (R\$ 100) do que as famílias pretas (R\$ 20) para os valores mais baixos da idade mínima. Observa-se ainda que a partir dos 15 anos de idade, famílias compostas por pessoas pretas e pardas apresentam um aumento na despesa turística média per capita. Esta reversão pode ser explicada pelo fato de que, nesses casos, a vida adulta começa ainda na adolescência.

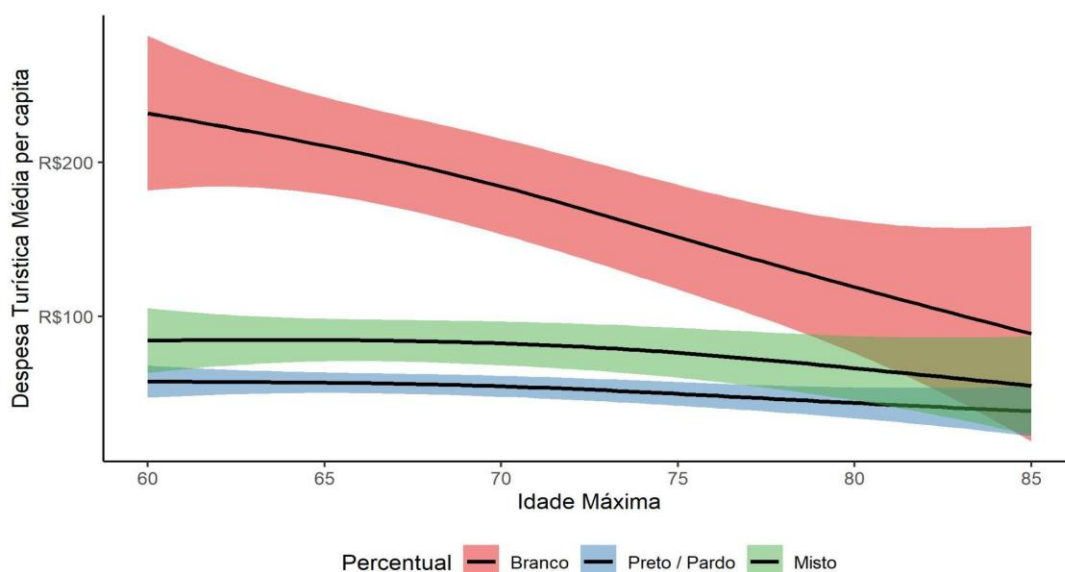
Gráfico 5 - Relação entre a despesa turística, idade mínima e a composição étnica da família



Fonte: elaborado pelos autores (2021)

Por outro lado, no caso das famílias com idosos, aquelas cuja composição étnica é exclusivamente de pessoas pretas e pardas, o gasto turístico médio apresentado é menor (R\$ 50) do que para famílias exclusivamente brancas (R\$ 250) e com composição mista (R\$ 80) para as famílias com idade máxima em torno dos 60 anos. As faixas de despesa turística média per capita para os três grupos se aproximam apenas para a idade máxima próxima dos 85 anos. Neste sentido, é relevante mencionar que para o grupo de famílias com idosos formado apenas por brancos, existe uma relação negativa entre despesa média turística per capita e a idade máxima. Para os outros dois grupos familiares, a relação entre as variáveis também é negativa, porém bem menos expressiva, sendo que a variação de despesa turística é bem inferior para essas famílias no intervalo considerado.

Gráfico 6 - Relação entre a despesa turística, idade máxima e a composição étnica da família

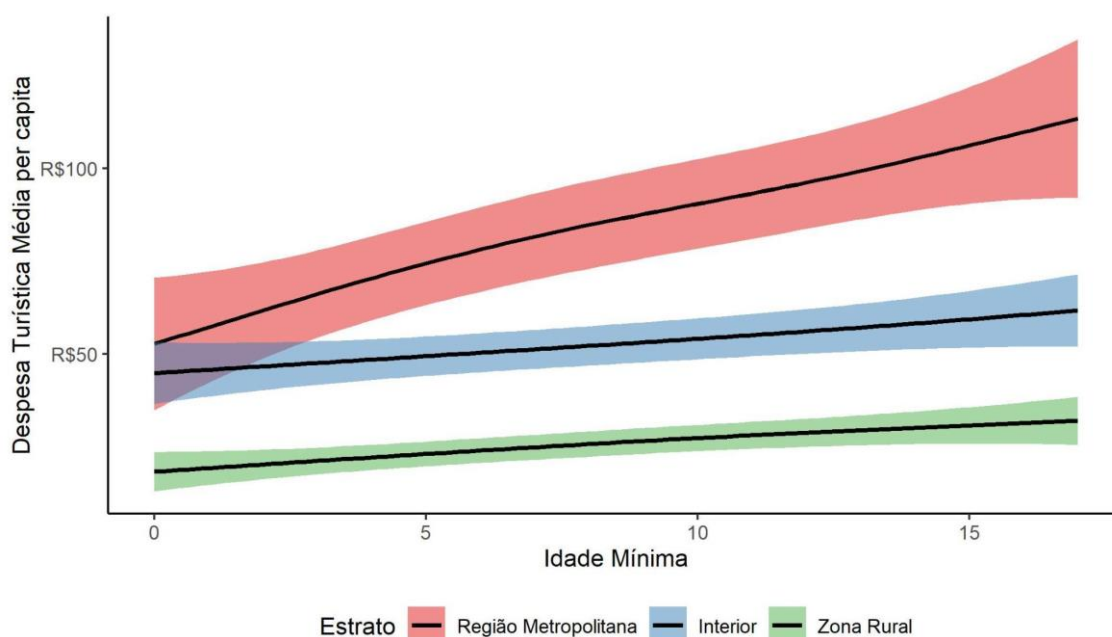


Fonte: elaborado pelos autores (2021)

A revisão teórica realizada por Brida e Scuderi (2013) indica que a composição étnica é uma variável que pode ter efeito significativo sobre a despesa turística. Esta variável depende do contexto econômico e social de onde partem os dados e, por isso, seu efeito reflete a realidade da qual ela é extraída. Conforme apontam os autores acima, a vasta maioria dos artigos que utilizam raça/etnia traz o contexto estadunidense como referência (Brida & Scuderi, 2013). Desta forma, é pertinente aprofundar a análise que evidencia o contexto brasileiro e explora a relação da composição étnica para os dois conjuntos de idades.

Ao analisar a despesa turística média per capita a partir da localização geográfica das famílias no Brasil, é possível identificar a tendência de crescimento para as famílias com crianças e adolescentes apresentada anteriormente, no gráfico 1. Contudo, a curva é mais íngreme para as famílias localizadas na região metropolitana do que para aquelas localizadas no interior ou em zonas rurais. As famílias que moram na capital e região metropolitana do país apresentam consumo turístico superior quando comparadas com as famílias das regiões mais distantes dos centros urbanos. Conforme a idade da pessoa mais jovem da família aumenta, cresce também a distância entre a despesa turística média per capita das famílias localizadas na região metropolitana (R\$ 100) quando comparado com o interior (R\$ 50) e zona rural (R\$ 30).

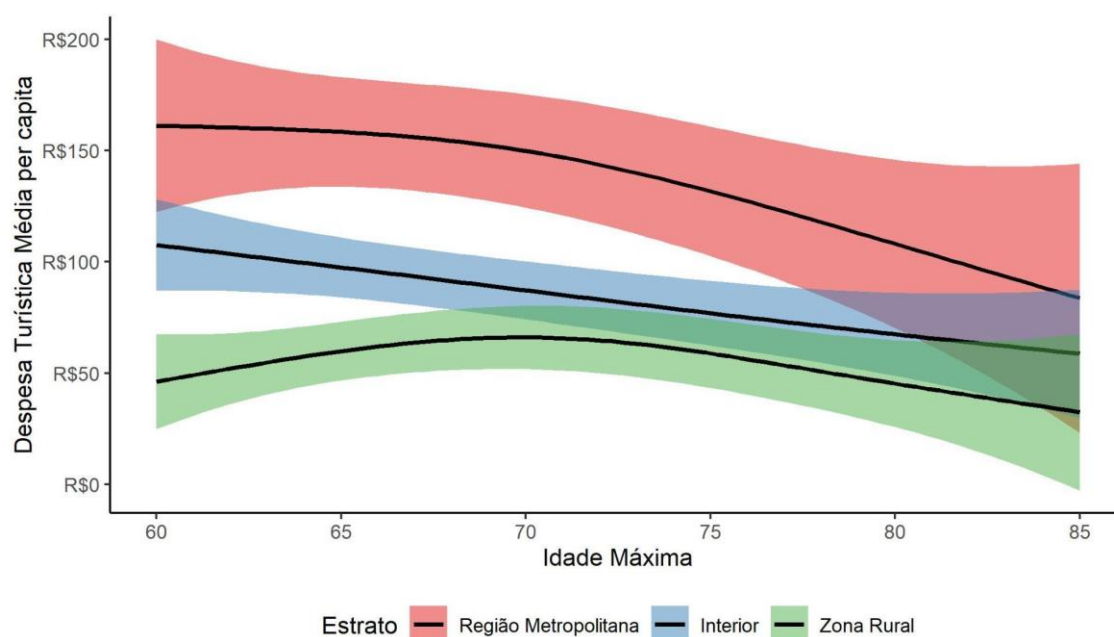
Gráfico 7 - Relação entre a despesa turística, idade mínima e o estrato regional da família



Fonte: elaborado pelos autores (2021)

A mesma relação entre os estratos regionais e a despesa turística pode ser observada no caso das famílias compostas por idosos. Aquelas localizadas na região metropolitana apresentam despesa turística média per capita acima dos R\$ 160 quando a idade máxima destas famílias está em torno dos 60 anos. As famílias que residem na zona rural do país apresentam um leve aumento na despesa turística conforme aumenta a idade máxima entre as idades de 60 e 70 anos (R\$ 60), mas em seguida apresentam tendência de decréscimo. Contudo, conforme as idades máximas aumentam, a despesa turística das famílias na região metropolitana cai de forma mais significativa do que nas outras regiões até que na idade máxima próxima aos 85 anos os três estratos regionais apresentam maior convergência com relação à despesa turística.

Gráfico 8 - Relação entre a despesa turística, idade máxima e o estrato regional da família

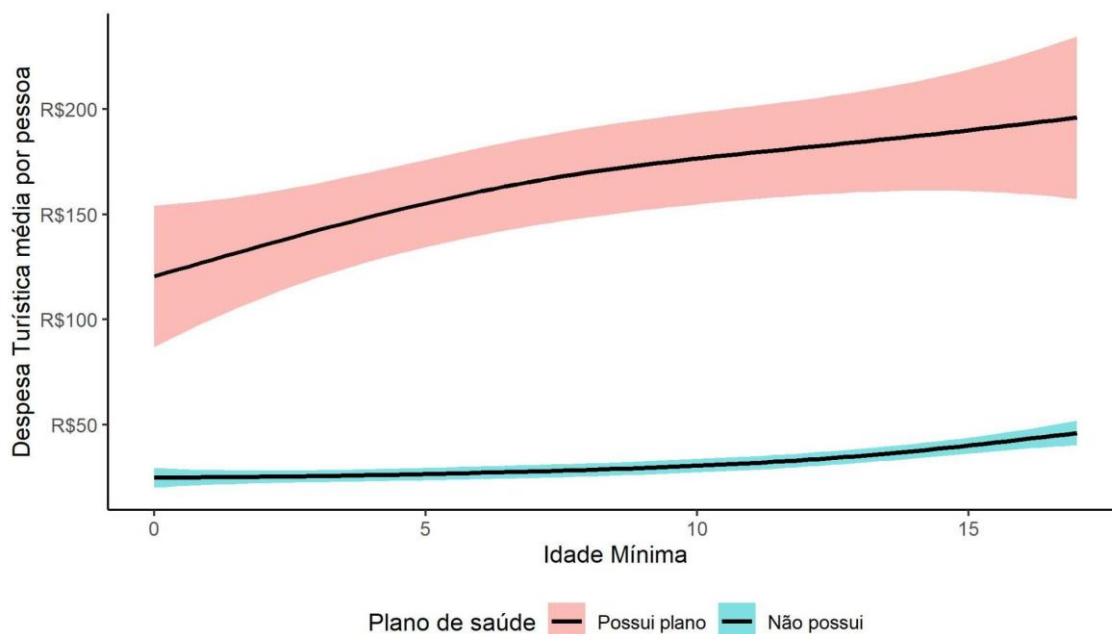


Fonte: elaborado pelos autores (2021)

Os resultados apresentados acima reforçam aqueles encontrados na literatura. Em geral, a localização geográfica possui efeito sobre a despesa turística (Brida & Scuderi, 2013; Wanga & Davidsonb, 2010). Como exemplo, as famílias norte-americanas que residem em áreas urbanas consomem significativamente mais com atividades recreacionais quando comparadas com aquelas que moram em áreas rurais (Dardis et al., 1994). De forma similar, Lin et al (Lin et al., 2015) demonstram que famílias chinesas residentes mais ao leste, próximas dos grandes centros urbanos, apresentam maior despesa turística em comparação com aquelas que residem em regiões centrais ou ocidentais.

Por fim, as famílias que possuem plano de saúde viajam mais e, portanto, apresentam despesa turística média superior àquelas que não possuem plano. Esse padrão é similar para ambas as composições familiares. No caso das famílias com crianças e adolescentes, o consumo de turismo é, aproximadamente, 100% maior para aquelas famílias com plano de saúde (R\$ 130).

Gráfico 9 - Relação entre despesa turística, idade mínima e adesão a plano de saúde

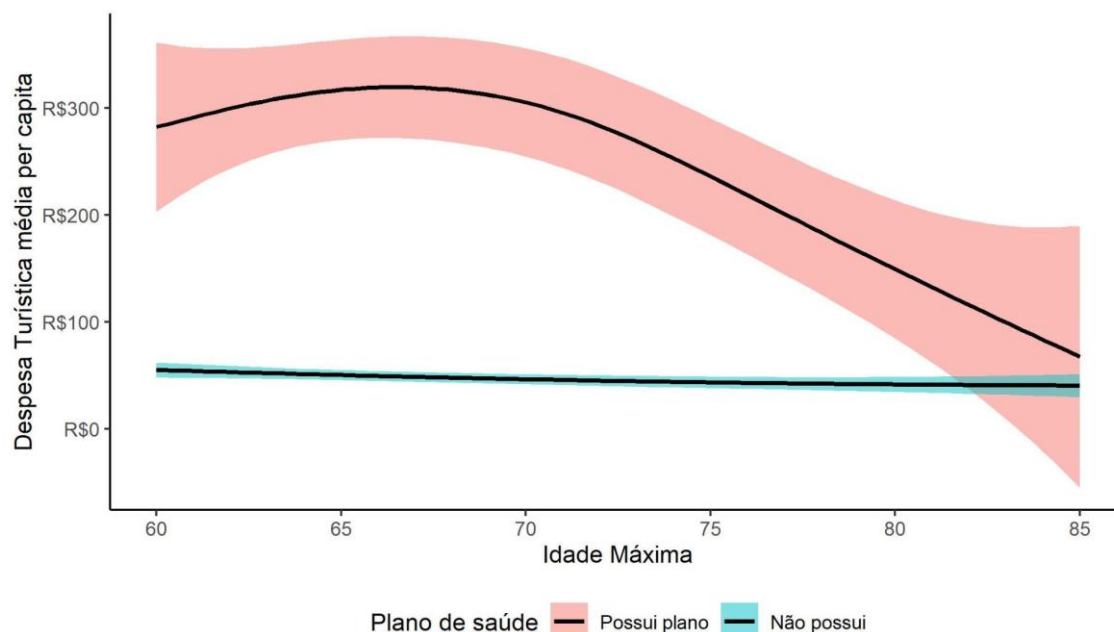


Fonte: elaborado pelos autores (2021)

A relação é similar para o outro grupo. Os idosos que possuem plano de saúde apresentam despesa turística média per capita superior (R\$ 300, aproximadamente) em comparação aos que não possuem plano. No entanto, observa-se que a diferença entre esses dois grupos diminui, pois, a variação da despesa turística decresce conforme aumenta a idade máxima, tanto que próxima à idade de 85 anos a diferença entre as famílias com e sem plano de saúde é quase nula.

As questões relacionadas à saúde são analisadas por diferentes formas na literatura consultada (Hong et al., 1999, 2005; W.-T. Hung et al., 2012; Sun et al., 2015). Sun et al. (Sun et al., 2015) encontraram que a despesa médica de uma família com um ou mais idosos acima de 65 anos possui efeito negativo significativo sobre a despesa turística. De acordo com os autores, a despesa médica é um fator limitante, pois a despesa turística reduz gradualmente à medida que a saúde dos membros da família se deteriora (Sun et al., 2015). Resultados similares são destacados por outros estudos (W.-T. Hung et al., 2012). No entanto, conforme argumentam Hong et al. (Hong et al., 2005) a despesa médica pode estar relacionada com maiores níveis de renda, estando positivamente relacionada com maiores níveis de despesa turística. Os resultados apresentados acima estão em sintonia essa argumentação.

Gráfico 10 - Relação entre despesa turística, idade máxima e adesão a plano de saúde



Fonte: elaborado pelos autores (2021)

Os resultados apresentados neste estudo retratam algumas características do comportamento de consumo turístico de lazer das famílias brasileiras. Em especial, eles revelam o efeito da idade sobre a maneira como as famílias alocam recursos para viagens de turismo e lazer. A presença de crianças mais velhas nas famílias parece ser um determinante para maiores patamares de consumo, ponto que diverge de estudos anteriores (Coenen & Van Eekeren, 2003). No entanto, os resultados para o grupo familiar com idosos é reforçado pela literatura consultada (Bernini et al., 2017; Bernini & Cracolici, 2015; Hong et al., 1999). Além disso, os resultados deflagram a existência da desigualdade racial e de gênero característico da realidade brasileira. Famílias chefiadas por homens e compostas por pessoas exclusivamente brancas, localizadas na região metropolitana, com acesso a plano de saúde possuem maior despesa turística para ambos os grupos familiares, mesmo variando a idade mínima para as famílias com jovens e crianças ou a idade máxima para o caso da família com idosos. No geral, o que se observa é que para famílias com jovens, o envelhecimento das crianças está associado com o aumento de despesa turística familiar, enquanto para as famílias com pessoas com 60 anos ou mais, o envelhecimento dos idosos está associado à diminuição de despesas com viagens.

Considerações Finais

Este artigo teve como objetivo analisar o efeito da idade sobre o consumo turístico das famílias brasileiras. O consumo turístico foi mensurado a partir da despesa turística anual per capita média das famílias brasileiras. A análise foi conduzida a partir de dois grupos: famílias com a presença de crianças e adolescentes de até 17 anos e famílias com pelo menos um membro com 60 anos ou mais.

Os resultados demonstraram que a idade exerce efeito sobre o consumo de viagens das famílias brasileiras. Em especial, na presença de crianças ou adolescentes com menos de 18 anos nas famílias, a despesa turística aumenta à medida que a(s) criança(s) envelhece(m). Outros efeitos relevantes foram encontrados ao analisar o gênero do chefe familiar, composição étnica, localização geográfica e adesão a plano de saúde. Com relação ao gênero do chefe da família, aquelas chefiadas por homens apresentam maior despesa turística em comparação às chefiadas por mulheres, conforme a(s) criança(s) e idoso(s) envelhecem. Neste último caso, a despesa turística decresce a partir dos 69 anos de idade.

No caso das famílias exclusivamente brancas, a despesa turística média per capita também aumenta à medida que as crianças e idosos envelhecem. As famílias exclusivamente pretas e pardas apresentam despesa turística superior às famílias de composição mista quando a idade da pessoa mais jovem supera os 15 anos. Considerando a localização geográfica das famílias, aquelas que possuem residência na região metropolitana apresentam despesa turística crescente conforme a pessoa mais jovem envelhece. O acesso à cobertura médica parece indicar maior consumo turístico para as famílias com idoso(s) de até 69 anos.

Os resultados retratados nesta pesquisa evidenciam alguns aspectos do consumo turístico brasileiro que merecem atenção. O entendimento do efeito da idade no consumo turístico possibilita estratégias que podem beneficiar tanto para a gestão do turismo como para a identificação do perfil e segmentação do turista. De forma específica, os resultados podem ajudar na construção de políticas públicas que atuem na mitigação das desigualdades marcantes da sociedade brasileira. Por outro lado, podem auxiliar gestores e empresários na identificação de nichos de mercado ainda pouco explorados.

Entre as limitações deste trabalho, é importante destacar que o estudo considerou os dados do período anterior à pandemia de COVID-19 e que, portanto, é possível que as atualizações futuras deste tema possam apresentar comportamentos ou resultados influenciados pelas mudanças trazidas pelo cenário pós-pandêmico. Outra limitação do estudo está relacionada com a construção da base de dados. Ainda que a configuração usada para condução das análises traga relações importantes para a compreensão do comportamento de consumo turístico, aproximadamente 20% dos domicílios brasileiros foram desconsiderados neste estudo por não se enquadrarem nos critérios elencados. As famílias formadas exclusivamente por pessoas entre 18 e 59 anos não foram consideradas, porém podem ser alvo de futuras pesquisas.

Neste sentido, destacamos que os microdados utilizados nesta pesquisa ainda podem ser analisadas sob outras perspectivas, dada a vastidão do seu conteúdo. Esta pesquisa não considerou, por exemplo, as despesas turísticas específicas para viagens de negócios e eventos. Esta é certamente uma das inúmeras possibilidades de análise possíveis para a compreensão do comportamento de consumo de turismo e lazer das famílias brasileiras.

Agradecimentos

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001

Informações dos autores

Rômulo Duarte

Doutorando em Turismo pelo Programa de Pós-Graduação em Turismo da Universidade de São Paulo (PPGTUR-EACH - USP), Mestre e Bacharel em Turismo pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Membro do Núcleo de Pesquisa em Economia e Administração do Turismo (NEAT).

E-mail: romuloduarteoliveira@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4257-0338>

Vinícius Rocha Bísaro

Mestre e Bacharel em Turismo pela Universidade de São Paulo (USP), Bacharel em Estatística pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Membro do Núcleo de Pesquisa em Economia e Administração do Turismo (NEAT).

E-mail: vinicius.biscaro@usp.br

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8996-5631>

João A. R. Praia Junior

Mestre em Turismo pela Universidade de São Paulo (USP), Especialista em Engenharia Web pelo Centro Universitário Senac (SENAC), Tecnólogo em Gestão de Turismo pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo (IFSP), Tecnólogo em Gestão da Tecnologia da Informação pela FIAP-Centro Universitário (FIAP). Membro do Núcleo de Pesquisa em Economia e Administração do Turismo (NEAT).

E-mail: joapraia@joapraia.com.br

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4989-6381>

Glauber Eduardo de Oliveira Santos

Doutor em Turismo e Economia Ambiental pela Universitat de les Illes Balears (Espanha), Doutor em Administração pela Universidade de São Paulo (USP), Professor da Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo (EACH-USP), atuando em programas de pós-graduação e graduação em turismo. Líder do Núcleo de Pesquisa em Economia e Administração do Turismo (NEAT).

E-mail: glauber.santos@usp.br

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8731-101X>

Referências

- Agarwal, V. B., & Yochum, G. R. (1999). Tourist Spending and Race of Visitors. *Journal of Travel Research*, 38(2), 173–176. <https://doi.org/10.1177/004728759903800211>
- Alegre, J., Mateo, S., & Pou, L. (2009). Participation in tourism consumption and the intensity of participation: An analysis of their socio-demographic and economic determinants. *Tourism Economics*, 15(3), 531–546. <https://doi.org/10.5367/000000009789036521>
- Alegre, J., Mateo, S., & Pou, L. (2013). Tourism participation and expenditure by Spanish households: The effects of the economic crisis and unemployment. *Tourism Management*, 39, 37–49. <https://doi.org/10.1016/j.tourman.2013.04.002>
- Alegre, J., & Pou, L. (2016). US household tourism expenditure and the Great Recession. *Tourism Economics*, 22(3), 608–620. <https://doi.org/10.5367/te.2014.0429>
- Bernini, C., & Cracolici, M. F. (2015). Demographic change, tourism expenditure and life cycle behaviour. *Tourism Management*, 47, 191–205. <https://doi.org/10.1016/j.tourman.2014.09.016>
- Bernini, C., Cracolici, M. F., & Nijkamp, P. (2017). Place-based attributes and spatial expenditure behavior in tourism. *Journal of Regional Science*, 57(2), 218–244. <https://doi.org/https://doi.org/10.1111/jors.12308>
- Bernini, C., & Fang, R. (2021). Living standard and Chinese tourism participation. *International Journal of Tourism Research*, 23(3), 287–300. <https://doi.org/https://doi.org/10.1002/jtr.2406>
- Brida, J. G., & Scuderi, R. (2013). Determinants of tourist expenditure: A review of microeconomic models. *Tourism Management Perspectives*, 6, 28–40. <https://doi.org/10.1016/j.tmp.2012.10.006>
- Coenen, M., & van Eekeren, L. (2003). A study of the demand for domestic tourism by Swedish households using a two-staged budgeting model. *Scandinavian Journal of Hospitality and Tourism*, 3(2), 114–133. <https://doi.org/10.1080/15022250310002421>

- Dardis, R., Soberon-Ferrer, H., & Patro, D. (1994). Analysis of Leisure Expenditures in the United States. *Journal of Leisure Research*, 26(4), 309–321. <https://doi.org/10.1080/00222216.1994.11969964>
- Eugenio-Martin, J. L., & Campos-Soria, J. A. (2011). Income and the substitution pattern between domestic and international tourism demand. *Applied Economics*, 43(20), 2519–2531. <https://doi.org/10.1080/00036840903299698>
- Hagemann, R. P. (1981). The determinants of household vacation travel: some empirical evidence. *Applied Economics*, 13(2), 225–234. <https://doi.org/10.1080/00036848100000027>
- Hong, G. S., Fan, J. X., Palmer, L., & Bhargava, V. (2005). Leisure travel expenditure patterns by family life cycle stages. *Journal of Travel and Tourism Marketing*, 18(2), 15–30. https://doi.org/10.1300/J073v18n02_02
- Hong, G. S., Kim, S. Y., & Lee, J. (1999). Travel expenditure patterns of elderly households in the US. *Tourism Recreation Research*, 24(1), 43–52. <https://doi.org/10.1080/02508281.1999.11014856>
- Hung, W.-T., Shang, J.-K., & Wang, F.-C. (2012). Another Look at the Determinants of Tourism Expenditure. *Annals of Tourism Research*, 39(1), 495–498. <https://doi.org/10.1016/j.annals.2011.09.006>
- Hung, W. T., Shang, J. K., & Wang, F. C. (2013). A multilevel analysis on the determinants of household tourism expenditure. *Current Issues in Tourism*, 16(6), 612–617. <https://doi.org/10.1080/13683500.2012.725714>
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2021). Pesquisa de orçamentos familiares: 2017-2018 : perfil das despesas no Brasil : indicadores selecionados de alimentação, transporte, lazer e inclusão financeira.
- Kay Smith, M., & Diekmann, A. (2017). Tourism and wellbeing. *Annals of Tourism Research*, 66, 1–13. <https://doi.org/10.1016/J.ANNALS.2017.05.006>
- Lin, V. S., Mao, R., & Song, H. (2015). Tourism expenditure patterns in China. *Annals of Tourism Research*, 54, 100–117. <https://doi.org/10.1016/j.annals.2015.07.001>
- Losada, N., Alén, E., Domínguez, T., & Nicolau, J. L. (2016). Travel frequency of seniors tourists. *Tourism Management*, 53, 88–95. <https://doi.org/10.1016/j.tourman.2015.09.013>
- Melenberg, B., & Van Soest, A. (1996). Parametric and semi-parametric modelling of vacation expenditures. *Journal of Applied Econometrics*, 11(1), 59–76. [https://doi.org/10.1002/\(SICI\)1099-1255\(199601\)11:1<59::AID-JAE371>3.0.CO;2-A](https://doi.org/10.1002/(SICI)1099-1255(199601)11:1<59::AID-JAE371>3.0.CO;2-A)
- Minasi, S., Mayer, V., & Santos, G. E. de O. (2022). Desigualdade de gênero no turismo. *Revista Brasileira de Pesquisa Em Turismo*, 16, 1–20. <https://doi.org/10.7784/rbtur.v16.2494>
- Nicolau, J. L., & Más, F. J. (2005). Heckit modelling of tourist expenditure: evidence from Spain. *International Journal of Service Industry Management*, 16(3), 271–293. <https://doi.org/10.1108/09564230510601404>
- Park, S., Woo, M., & Nicolau, J. L. (2020). Determinant factors of tourist expenses. *Journal of Travel Research*, 59(2), 267–280. <https://doi.org/10.1177/0047287519829257>
- Rabahy, W. A. (2020). Análise e perspectivas do turismo no Brasil. *Revista Brasileira de Pesquisa Em Turismo*, 14(1), 1–13. <https://doi.org/http://dx.doi.org/10.7784/rbtur.v14i1.1903>
- Rabahy, W. A., Santos, G. E. de O., & Vassallo, M. D. (2009). Determinantes do gasto em viagens domésticas no Brasil. *Turismo - Visão e Ação*, 11(3), 304–324. <https://doi.org/10.14210/rtva.v11n3.p304-324>

- Santos, G. E. D. O. (2015). An efficient method for modelling tourists' length of stay. *Tourism Economics*, 22(6), 1367–1379. <https://doi.org/10.5367/te.2015.0490>
- Song, H., Li, G., Witt, S. F., & Fei, B. (2010). Tourism demand modelling and forecasting: How should demand be measured? *Tourism Economics*, 16(1), 63–81. <https://doi.org/10.5367/000000010790872213>
- Sun, P. C., Lee, H. S., & Chen, T. S. (2015). Analysis of the relationship between household life cycle and tourism expenditure in Taiwan: An application of the infrequency of purchase model. *Tourism Economics*, 21(5), 1015–1033. <https://doi.org/10.5367/te.2014.0389>
- Thrane, C. (2016). The determinants of Norwegians' summer tourism expenditure: Foreign and domestic trips. *Tourism Economics*, 22(1), 31–46. <https://doi.org/10.5367/te.2014.0417>
- United Nations World Travel Organization. (2020). *Compendium of tourism statistics: Data 2014-2018*.
- Uysal, M., Sirgy, M. J., Woo, E., & Kim, H. (Lina). (2016). Quality of life (QOL) and well-being research in tourism. *Tourism Management*, 53, 244–261. <https://doi.org/10.1016/j.tourman.2015.07.013>
- Wanga, Y., & Davidson, M. C. G. (2010). A review of micro-analyses of tourist expenditure. *Current Issues in Tourism*, 13(6), 507–524. <https://doi.org/10.1080/13683500903406359>
- Zheng, B., & Zhang, Y. (2013). Household expenditures for leisure tourism in the USA, 1996 and 2006. *International Journal of Tourism Research*, 15(2), 197–208. <https://doi.org/10.1002/jtr.880>